


**PRÁTICAS DOCENTES COLABORATIVAS: UMA ANÁLISE À LUZ DA
PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.031-062>

Ana Lucila Ribeiro Dantas Fagundes

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: ana.lei@edu.ufes.br

Andrea Brandão Locatelli

Doutora em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
Vitória – ES, Brasil
E-mail: andrea.locatelli@ufes.br

Débora Brumatti Coutinho Messias

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: debora.coutinho@edu.ufes.br

Eloisa dos Santos Rosa

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: eloisa.rosa@edu.ufes.br

Fabiana Ferreira Pinheiro

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: fabiana.s.ferreira@edu.ufes.br

Fernanda da Silva Viana

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: fernanda.s.viana@ufes.br

Mariana dos Santos Albuquerque

Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: mariana.santos.2@edu.ufes.br



Simone Santos Lopes Oliveira
Mestranda em Ensino na Educação Básica
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
São Mateus – ES, Brasil
E-mail: simone.s.oliveira@edu.ufes.br

RESUMO

Este artigo inicialmente publicado na revista *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, aborda a inclusão escolar sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural de Lev Vygotsky, em busca de oferecer subsídios teóricos para a compreensão da relação entre aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem ao relacionar as interlocuções com uma prática pedagógica na escola pública capixaba. Destaca a Conferência Mundial de Educação para Todos, que defende a inclusão escolar, e as medidas legais, como a Lei nº 10.436/02, que objetiva garantir a todos o acesso e participação escolar. A pesquisa, realizada através da metodologia participativa, relata a experiência com uma estudante surda e sua turma multisseirada, em uma escola de assentamento, localizada no estado do Espírito Santo, Brasil. Evidencia a importância do trabalho colaborativo entre professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE), do ensino regular e intérprete de Libras para promover o desenvolvimento psíquico dos estudantes em significar o cultural e o social. Reafirma a relevância da escola como espaço de aprendizado e mediação no processo de hominização.

Palavras-chave: Histórico-cultural. Surdez. Campo. Aprendizagem.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi originalmente publicado na revista *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*. O surgimento da Teoria Histórico-Cultural, apresentado em uma breve contextualização histórica, cultural e filosófica, está apoiado no materialismo histórico-dialético, alicerçado em bases marxistas e traz como principais contribuições a compreensão de como ocorre o desenvolvimento humano na perspectiva de seu precursor, Vygotski, com destaque para a forma que seus conceitos e pressupostos refletem nas vastas reflexões na compreensão do psiquismo humano e no processo de hominização, bem como suas implicações no campo da Educação Especial.

Nessa conjuntura, é indispensável retomar a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia), em 1990, com proclamação de que a educação favorece o progresso pessoal e social e, entre outras constatações remete à ideia de “satisfação das necessidades básicas de aprendizagem”. E, a fim de propiciar um ambiente adequado à aprendizagem no campo das políticas públicas para a inclusão escolar do aluno surdo, foram adotadas medidas que visam garantir a sua participação nas interações do contexto escolar para que o mesmo seja parte das interlocuções que permeiam esse cenário.

Dentre essas medidas, está compreendida a Lei nº 10.436/02 e o Decreto 5.626/05. Ressalto ainda o **decreto nº 7.611/ 2011, dispondo sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e as Diretrizes Operacionais para a Educação Especial do estado do Espírito Santo com proposta de trabalho do AEE articulado ao ensino comum, ou seja, o trabalho colaborativo do professor especialista.**

Em atendimento a essa legislação vigente, este estudo realizado através da metodologia participativa do tipo relato de experiência com o trabalho colaborativo vivenciado em uma turma multisseriada de 7º e 8º ano, onde estuda uma aluna surda, visa contribuir para as reflexões acerca dos processos inclusivos que acontecem nas redes de ensino para garantir a aprendizagem dos estudantes público da Educação Especial.

Assim, as interlocuções entre a teoria Histórico-Cultural com a prática pedagógica estão focadas em uma perspectiva de articulação entre o professor do AEE da área de deficiência Auditiva e o professor do ensino regular, mediados pela intérprete de Libras, em estímulos de ampliação da expressividade da estudante surda no contexto de aprendizagem.

2 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E A EDUCAÇÃO

Lev Semionovich Vygotski, nasceu na cidade de Orsha, no ano 1896 e morreu em 1934, antes mesmo de completar 38 anos de idade, devido à tuberculose. Apesar do pouco tempo de produção, as suas obras trouxeram contribuições revolucionárias, principalmente para a explicação sobre como ocorre o desenvolvimento humano.

E essa teoria Histórico-Cultural nasce, de uma inconformidade, ou melhor, surge de uma tentativa de superação das explicações advindas de duas correntes filosóficas fortes da época, as quais são descritas assim por Rego (1995),

Existia de um lado um grupo que baseado em pressupostos de uma filosofia empirista, via a psicologia como ciência natural que devia se deter na descrição das formas exteriores de comportamento, entendidas como habilidades mecanicamente constituídas. Esse grupo limitava-se à análise dos processos mais elementares e ignorava os fenômenos complexos da atividade consciente, especificamente humana. Já de outro lado, o outro grupo, inspirado nos princípios da filosofia entendia a psicologia como ciência mental, acreditando que a vida psíquica humana não poderia ser objeto de estudo da ciência objetiva, já que era manifestação do espírito (Rego 1995, p. 28).

Essas teorias já não davam conta de explicar e compreender a diferenciação entre o desenvolvimento do homem e dos animais e como ocorre o processo de hominização do homem. Foi justamente na tentativa de superar essa crise da psicologia que Vygotski, juntamente com o seu grupo de pesquisadores, principalmente Leontiev e Luria, buscavam uma nova abordagem que possibilitasse a junção entre essas duas abordagens predominantes naquele momento.

Essa busca por compreender o desenvolvimento do psiquismo humano foi chamada então de Psicologia Histórico-Cultural. Para isso, é importante considerar como aspecto fundamental nas ideias Vigotskiana, o entrelaçamento entre esses dois processos: o biológico e o cultural, como “[...] um desenvolvimento imerso na história e na cultura, na natureza e na sociedade, na constituição recíproca entre o homem e o mundo [...]” (Andrade e Smolka, 2012, p.700). Isso quer dizer que o homem se humaniza na relação com o outro e com o meio, por instrumentos e signos construídos por ele mesmo, ao longo do processo de hominização.

Há ainda uma ênfase quanto à contribuição da cultura, da integração cultural e da dimensão histórica, com forte influência marxistas e da teoria materialismo histórico-dialético, sendo entendida como teoria da atividade humana colocada em oposição ao naturalismo e à receptividade passiva da tradição empirista, ao passo que:

A mudança, a dinâmica e a transformação na natureza, no homem, nas concepções e no conhecimento vão se tornando causas e efeitos, motivos e objetos das muitas mudanças no funcionamento do sujeito que, (con) vivendo, vai criando diferentes formas de agir no mundo e de mudar a si e ao outro (Andrade e Smolka, 2012, p.702).

A produção de Vygotsky faz inferir o ser humano sempre relacionado ao seu contexto histórico-cultural. Pois, o meio social, as relações construídas pelo homem na história e pela história constituem o homem. Dessa forma, para compreender as grandes contribuições desse autor, é imprescindível dar ênfase ao momento em que suas teorias foram elaboradas.

2.1 DESENVOLVIMENTO NO OLHAR VYGOTSKYANO

Entender que o desenvolvimento humano é cultural e histórico, ou seja, revela o longo processo de formação humana do homem, que opera na natureza e nele mesmo como parte dessa natureza, enquanto ser histórico e cultural, pode contribuir para refletir sobre o desenvolvimento a partir dos espaços escolares.

A criança nasce um ser social e sua singularização como pessoa ocorre concomitante a sua aprendizagem como um membro da cultura, ou seja, o desenvolvimento ocorre na emersão da cultura e posteriormente no campo da individualização.

Na sua lei geral de desenvolvimento, Vygotsky explica a importância do coletivo na vida das crianças, independentemente de haver qualquer deficiência.

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (Vygotsky, 1991, p. 64).

Dessa forma, está afirmado que as funções psíquicas superiores precisam das relações para existirem. Elas não nascem. Mas são construídas e desenvolvidas a partir dos processos intrapsíquicos, das condições disponibilizadas a cada sujeito em particular, como explicita Rego (1995):

Vygotsky se dedicou aos estudos das chamadas funções psicológicas superiores, que consistem no modo do funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação etc. Esses processos mentais são considerados sofisticados e “superiores”, porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente (Rego, 1995, p.39).

Entende-se então que todas as funções superiores, originadas das relações entre os indivíduos, é a base do processo de aprendizagem humana, que igualmente se aplica à formação e ao desenvolvimento de conceitos. Isso implica dizer que, na atividade escolar, nas tarefas, na ação, nos desafios, em problemas é que as atividades psíquicas superiores se realizam. Assim, é possível afirmar que o espaço escolar é o lócus privilegiado para o desenvolvimento das máximas possibilidades humanas.

E, nesse contexto, o papel do professor como agente organizador das condições de aprendizagem de seus alunos, é de suma importância. Pois, as atividades mediadas provocam uma série de transformações em cada estudante, onde sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, pelos signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação (Rego,1995).

2.2 CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Nas teses e nos pressupostos defendidos por Vygotsky durante o início do século XX, é encontrada a fundamentação teórica e conceitual, a relevância da participação de toda e qualquer criança na produção da cultura, ressaltando a contribuição singular de cada uma na dinâmica social. Nesse sentido, a problematização do aluno com deficiência e sua participação de forma integral no meio social, cultural e histórico apresenta-se como base para o objeto de estudo, necessário para a discussão sobre a criança com deficiência e seu desenvolvimento.

Ao longo da história, crianças com deficiência dificilmente puderam ocupar efetivamente o lugar de estudante na escola regular. Sempre foi a elas dificultada a participação nas práticas escolares, quando considerada uma premissa de incapacidade a priori. E os lugares destinados a elas eram as instituições especializadas, os quais tinham por função social essencial o acolhimento, o cuidado e, até mesmo, a tutela. Eram ambientes marcados pela segregação, que priorizavam as atividades de vida diária, de trabalho e desenvolvimento manual, o que caracterizava uma participação dessas crianças nas práticas sociais. Porém, tais ações limitavam, por vezes, a produção de conhecimento e desenvolvimento característicos do processo de escolarização, em prol de uma pedagogia menor.

É a escola um espaço propício e de múltiplas relações, de produção de conhecimentos diversos, com potencial para ampliar a atuação da pessoa com deficiência na prática social mais ampla. Isso supõe um espaço de formação humana que valorize as diferenças e as peculiaridades de cada indivíduo. De modo, as experiências de ensino vivenciadas no meio escolar tornam-se força motriz do desenvolvimento humano.

O autor defende que as funções psíquicas são advindas relações sociais internalizadas, ou seja, que as vivências significadas são constitutivas da personalidade, admitindo-se que, no processo de desenvolvimento, a estrutura funcional e a organização cerebral se distanciam dos mecanismos biológicos inatos, na medida em que se dinamizam com a criação de novas conexões, propiciadas pelas relações com os outros e mediadas pelos instrumentos construídos e modificados ao longo da história pela própria humanidade. E, essas funções psíquicas, socialmente desenvolvidas, sobrepõem-se aos mecanismos biológicos, passando a predominar na orientação do comportamento.

Nesse sentido, em seu livro “A Construção do Pensamento e da Linguagem”, Vygotsky, afirma: “O significado medeia o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado” (Vygotsky, 2001, p. 479). Portanto, defende a ideia de internalização das relações sociais, partindo do pressuposto de que cada pessoa, em sua singularidade, internaliza suas relações com o meio cultural e se constitui por meio desta interação, contribuindo para a formação das funções psicológicas superiores que, inerentes ao ser humano, são desenvolvidas por meio da relação com o meio social, conforme os manuscritos

vygotskyanos de 1929: “[...] personalidade é o conjunto de relações sociais. As funções psíquicas superiores criam-se no coletivo” (Vygotsky, 2000, p. 35).

Vygotsky (2022) destaca a importância das relações sociais na formação e desenvolvimento da pessoa com deficiência pela concepção de que estas relações são superiores aos limites da deficiência. Ao passo que, as limitações orgânicas impostas pela doença são confrontadas pelas infinitas possibilidades de desenvolvimento da pessoa a partir de seu meio sociocultural, independentemente de sua condição física, intelectual ou mental.

Nessa perspectiva, é necessário compreender as possibilidades existentes no espaço educacional e viabilizar a interação entre todos os estudantes como fator determinante na formação e constituição destes, fortalecendo a concepção de inclusão e evitando a segregação escolar pautada na categorização de “normais” e “anormais”.

3 METODOLOGIA

A metodologia participativa do tipo relato de experiência é que ancora o trabalho em tela, o qual foi desenvolvido durante a proposta de atividade colaborativa vivenciada na trajetória profissional de uma das autoras com uma estudante surda, matriculada em uma turma multisseriada (7º e 8º ano), em uma escola de assentamento, no município de Conceição da Barra, localizada ao norte do estado do Espírito Santo, a 250 km de distância da capital Vitória, Brasil.

A escolha da instituição, uma escola pública da rede estadual, de pequeno porte, que oferta o ensino fundamental, deu-se ao considerar as dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar acerca dos processos inclusivos.

Portanto, o relato a seguir preserva os aspectos éticos e pretende contribuir para as reflexões acerca desses processos que acontecem nas redes de ensino, visando garantir a aprendizagem dos estudantes público da Educação Especial.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao considerar a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), a qual propõe que a Educação Especial atue articulada ao ensino comum a fim de atender as especificidades dos seus estudantes dentro das escolas, também registra-se que o recebimento de estudantes surdos é tratado sempre como um desafio. Pois, segundo Fagundes e Nunes, “depreende de acessibilidade, não apenas arquitetônica, mas no aspecto de proporcionar possibilidades, aproximação, quebra de barreiras, inclusive de comunicação que em muitos casos as escolas ainda não possuem” (Fagundes e Nunes, 2023, p.4).

Dito isso, é válido reforçar o formato da prática e seu contexto. Pois, a experiência docente de que trata este relato foi um trabalho colaborativo, mais especificamente a apresentação de um



seminário, com peso avaliativo, articulado entre o professor regente de Ciências da Natureza – sendo Ciências da Natureza um componente da organização curricular da escola e não como uma referência à área de forma generalizada - e a professora do AEE, especialista em Deficiência Auditiva. Essa articulação teve como objetivo verificar a capacidade dos estudantes em entender e transmitir o conteúdo para os demais colegas.

Quanto ao local em que ocorreu a prática, trata-se uma instituição rural, ligada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que preza por pedagogias próprias da Educação do Campo, com uma matriz curricular baseada no princípio da coletividade e auto-organização, valorizando a colaboração, a parceria, o diálogo e a coletividade. Essa escola possui salas temáticas e, na rotina, são os estudantes quem trocam de ambiente a cada aula. E, para o atendimento à comunidade, a escola funciona em três turnos, com atuação da rede municipal, na oferta de Educação Infantil, e rede estadual, na oferta de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Devido a sua localização, abarca educadores e estudantes moradores do próprio assentamento em sua maioria.

A organização do AEE na referida unidade escolar está embasada nas Diretrizes Operacionais da Educação Especial da rede estadual do Espírito Santo e descreve algumas especificidades para as escolas da educação do campo, com a finalidade de atingir as formas diferenciadas de comunicação em todas as etapas e modalidade de ensino. Assim, buscando garantir um serviço de atendimento educacional especializado que planeje “[...] ações que contemplem as diferenças socioculturais e as especificidades de cada grupo, disponibilizando recursos e serviços necessários ao desenvolvimento das potencialidades desses estudantes” (Espírito Santo, 2023, p.08). Isso também implica na orientação de que os atendimentos na sala de recursos, em escolas do campo e de período integral, aconteçam em aulas da Parte Diversificada do currículo, visando assegurar à Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Flor (nome fictício da estudante surda) está na fase da adolescência, com 14 anos de idade, e perdeu a audição na infância, devido a complicações de meningite. Ela estuda no oitavo ano do ensino fundamental numa sala multisseriada (7º e 8º ano), como já mencionado. Essa turma possui uma média de 14 a 15 alunos e conta em sua organização com o intérprete de libras.

A referida estudante tem aprendido Libras e, apesar de já utilizá-la, seu repertório vocabular é restrito, o que é atribuído à ausência de profissionais em seu percurso escolar. Ela tem maior afinidade com o componente de Ciências e ainda possui muitas dificuldades, sobretudo, devido ao atraso de aquisição de linguagem. Conhecimento este que é essencial para o processo de desenvolvimento de todo o ser humano. Afinal, é através da linguagem que o mundo é significado e em suas relações sociais, enquanto estudante, não tinha acesso a linguagem. E esses signos estão sendo tardiamente significados.

Sobre isso, Vygotsky (2001) em seus estudos, define a relação do homem com o mundo como uma relação mediada através de signos, sendo a linguagem o principal elemento mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ao compreender a formação do ser humano por uma relação mediada, Vygotsky (2001) destaca a importância da linguagem nas relações sociais, enfatizando a importância das representações e dos significados que damos à palavra, pois “A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior” (Vygotsky, 2001, p. 398). Nesse sentido,

O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (Vygotsky, 2001, p. 398).

Para o autor, o significado é responsável por mediar o pensamento em sua caminhada em direção à expressão verbal, ou seja, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho mediatizado internamente (Vygotsky, 2001). Nessa compreensão, a pessoa internaliza suas relações com o meio cultural através dos signos e instrumentos, e se constitui por meio desta interação, contribuindo para a formação das funções psicológicas superiores.

E, entende-se que as relações que viabilizam essa internalização aparecem em diferentes etapas da atividade relatada. Um desses momentos foi a divisão da turma em grupos escolhidos através do sorteio. Flor compôs com quatro estudantes. E, em se tratando de um trabalho colaborativo, a professora do AEE e a intérprete de Libras ficaram responsáveis por orientar e auxiliar o grupo da estudante em evidência, enquanto o professor regente dividiu o tempo de atendimento aos grupos de forma geral. Entretanto, deu atenção às dúvidas que surgiram no grupo de Flor, principalmente no processo de entendimento do conteúdo.

Flor e seu grupo ficaram responsáveis por quatro temáticas que ficaram igualmente divididas dentre os quatro componentes do grupo. Flor ficou com o tema: Alterações climáticas e desequilíbrio ambiental. E, na divisão das responsabilidades, a intérprete auxiliou principalmente os demais alunos do grupo enquanto a professora do AEE auxiliou principalmente a aluna Flor. E para que a temática fosse explorada de maneira visual, além do horário de atendimento no AEE, foram utilizadas também as aulas do componente curricular em questão. E, assim, foi construída uma maquete contemplando basicamente quatro cenários.

No intuito de tratar de mudanças climáticas e desequilíbrio ambiental, foram montados os seguintes cenários: um rio seco; uma floresta queimada com animais mortos; o avanço do mar; e as enchentes. Todas essas realidades que afetam não só o Brasil, mas vários lugares do mundo. Com atenção especial a dois destes cenários pela proximidade com as vivências da estudante. Pois, em

períodos de muita chuva, o local do assentamento, as plantações e a escola ficam alagados. Com base nisso, a estudante construiu o próprio ambiente escolar, inclusive com a cor amarela que a caracteriza. O outro cenário próximo é o avanço do mar, sendo uma realidade que a aluna vivencia em Conceição da Barra.

O conteúdo não foi ensinado em um único momento, mas conversado em diversos momentos e em diversas etapas na construção da maquete. Além disso, a estudante também teve acesso a vídeos em Libras sobre a temática. E, dentro de suas possibilidades, ela buscou pesquisar para entender o que foi proposto.

Em referência a isso, é importante perceber o que pontua Vigotsky (2022), pois os objetivos devem ser os mesmos para os estudantes, com ou sem deficiência. A questão é a acessibilidade ao currículo. E, nesse quesito, a maquete não foi o único caminho escolhido. Também recorreu apresentação de slides, e assim como os demais alunos se fazia necessário que ela escolhesse quais conteúdos estariam presentes no slide, bem como, foi preciso ampliar a pesquisa e analisar o que seria dito na apresentação do trabalho.

Os demais colegas também estavam estudando e pesquisando as suas temáticas, embora, nem todos tenham interagido com Flor. E, no intuito de estimular a interação e destacar mediadores que favorecessem o entendimento do conteúdo durante as apresentações, a professora do AEE e a intérprete orientaram estratégias para que as dinâmicas de apresentação fossem mais visuais, as quais contemplariam não só a Flor, como todos os demais estudantes. Assim, com a ajuda do professor de Ciências da Natureza, foram desenvolvidas experiências mais visuais. Uma delas foi sobre o ar e contou com o uso de uma seringa e, ao puxar a parte posterior, colocando um dedo na parte frontal e em seguida empurrando, foi possível perceber que o ar estava presente.

A educação é um fenômeno propriamente humano e a criança é, desde sempre, um ser social. Assim, a formação da singularização desse sujeito ocorre na aprendizagem, no desenvolvimento e nas emoções, ou seja, na emersão do meio cultural, social e histórico, em que o espaço escolar está inserido. Esse ambiente está carregado de significações e precisa ser acessível e verdadeiramente significativo, inclusivo, que promova de forma integral o desenvolvimento dos estudantes com deficiência, baseando-se nas suas peculiaridades e possibilidades, de forma nenhuma focando em suas limitações, mas valorizando suas potencialidades.

Durante a realização da proposta, nem todos os momentos foram harmoniosos, por vezes a aluna não queria estudar a temática, preferia construir a maquete, o que se atribui à afeição que possui por trabalhos manuais, atividades lúdicas e produção, considerando suas habilidades artísticas ou, possivelmente, pelo desconhecimento dos significados das palavras, além de possuir um déficit de aprendizagem ligada ao atraso da aquisição da linguagem. E, nessa observação, tanto na concepção de



Vygotsky (2022) como de Bakhtim (2006), as palavras contribuem no sentido de significar o mundo, fazem parte do processo de constituição humana que ocorre através da linguagem.

E, nesse intuito de trazer significado a multidão de fios ideológicos e de contribuir na constituição da estudante, por vezes, durante a produção da maquete, a professora do AEE dialogava sobre a temática, sobre as representações do cenário e os possíveis fatos que contextualizavam cada um deles. Isso feito ao alternar o uso de vídeos e a pesquisa escrita.

Chegada à apresentação do seminário, apesar de Flor ter buscado com a intérprete e a professora do AEE um trabalho já pronto e não obtendo êxito, percorreu seus próprios caminhos apoiada nas palavras significadas com que construiu sua apresentação. Ela levou a maquete para a turma e explorou a temática fazendo-se entendível aos colegas, cumprindo os objetivos do trabalho colaborativo. Quanto a isso, Padilha afirma que: “À escola cabe, porém, dispor de recursos e procedimentos não uniformes para que os alunos tenham possibilidades de caminhar além dos seus limites” (Padilha, 2004, p. 77).

É nessa perspectiva que as escolas devem conceber suas práticas pedagógicas, propiciando aos estudantes surdos a significação dos fios ideológicos que constituem o mundo a sua volta, investindo na capacidade deles, com estímulos que possibilitem a aprendizagem. Para, assim, significar o cultural, o social, muitas vezes esvaziado a sua volta, buscando contribuir para o desenvolvimento do psiquismo humano e para o processo de hominização de cada estudante.

5 CONCLUSÃO

Vygotsky, ao formular a Teoria Histórico-Cultural, afirma que o desenvolvimento humano é constituído pela junção de aspectos naturais e sociais, pela qual anuncia uma questão vital no processo de hominização, a fonte primária do desenvolvimento psíquico: a cultura.

O autor em destaque deixa claro que ele foi um estudioso além de seu tempo e com ideias que fundamentam as teorias atuais e continua a contribuir nas reflexões acerca da mediação e interação para a aprendizagem, nos espaços escolares, bem como a importância do meio no desenvolvimento do sujeito.

Portanto, compreender seus principais pressupostos implica entender a necessidade de romper com caminhos que privilegiem modelos educacionais excludentes e traçar novos percursos em direção a uma sociedade que permita a todos os indivíduos a máxima humanização. Tudo isso, por meio de apropriações dos bens materiais e intelectuais produzidos pela humanidade historicamente e culturalmente, isto é, por meio da apropriação equânime da cultura em que o sujeito está inserido. É, a serviço do direito de um sujeito que não se resume a suas limitações, mas na concepção de que é dotado de possibilidades, as quais devem passar entendimento de Educação Inclusiva.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. J.; SMOLKA, A. L. B. Reflexões sobre Desenvolvimento Humano e Neuropsicologia na obra de Vigotski. *Psicologia em Estudo*, v.17 n. (4), p. 699-709, out./dez.2012. Maringá.

BAKHTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. Hucitec. 2006

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Língua Brasileira de Sinais – Libras Presidência da República. 2002

_____. Decreto nº 5. 626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República. 2005.

_____. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado. Presidência da República. 2011.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria De Estado Da Educação. Diretrizes Operacionais Da Educação Especial. Vitória/ES. 3ª versão. 2023

FAGUNDES, A.L.R. D.; NUNES, I. M. Os desafios no contexto escolar para o aluno com surdez. In: ANAIS DO 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2023, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2023/trabalhos/os-desafios-no-contexto-escolar-para-o-aluno-com-surdez?lang=pt-br>> Acesso em: 25 nov. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. MEC/SEESP. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2023.

ONU. Declaração Mundial de Educação para Todos. Conferência de Jomtien, Tailândia. UNICEF, 1990.

PADILHA, A.M.L. Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial. São Paulo: Plexus Editora, 2004.

REGO, T.C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação I Teresa Cristina Rego.- Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

SOUZA, D. T. & REGO, T. C. (Org.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002b. pp.95-116

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Manuscrito de 1929. *Educação e sociedade*, 71, 21-44. (original publicado em 1929). 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



_____. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/x987G8H9nDCcvTYQWfsn4kN/>>. Acesso em 08 nov. 2023

_____. *Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia*. 2.ed. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022.